

CONCEPÇÃO DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA DA SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO DO PARANÁ – VERSÃO PRELIMINAR

A Educação a Distância - EaD, uma das possibilidades de formação continuada, pode ser situada e analisada sob a contraditória reordenação política e econômica vivida em termos macro estruturais. Contraditória uma vez que sugere avanços na globalização - na perspectiva da superação do distanciamento espaço-tempo, anuncia para retrocessos no que se refere ao localismo de milhares de pessoas que continuam confinadas - impotentes diante da única localidade que habitam.

Para situar a EaD no contexto da globalização econômica é necessário compreendê-la no âmbito destas contradições. Segundo BAUMAN (1999, p.08) "A globalização tanto divide quanto une e as causas da divisão são idênticas às que promovem a uniformidade do globo". Para ele enquanto alguns que podem participar dos processos de produção do poder se tornam verdadeiramente globais, outros diante de suas impossibilidades materiais, se fixam na sua localidade, por onde "ser local num mundo globalizado é sinal de privação e desagregação social".

Assim para BAUMAN a globalização em todas as suas configurações,

em vez de homogeneizar a condição humana a anulação tecnológica das distâncias temporais/ espaciais tende a polarizá-la. Ela emancipa certos seres humanos das restrições territoriais e torna extraterritoriais certos significados geradores de comunidade - a um mesmo tempo que desnuda o dos seus significados e da sua capacidade de doar identidade. Para algumas pessoas ela augura uma liberdade sem precedentes face aos obstáculos físicos e uma capacidade inaudita de se mover e domesticar e se apropriar de localidade da qual tem pouca chance de se libertar para mudar para outro lugar. Com as distâncias não significando mais nada, as localidades, separadas por distâncias, também perdem seu significado. Isso, no entanto, augura para a liberdade face à criação de significado, mais para outros pressagia a falta de significados. Alguns podem mover-se para fora da localidade - qualquer localidade - quando quiserem. Outros observam, impotentes, a única localidade que habitam movendo-se sobre seus pés. (1999, p.25).

Muitos dos professores da escola pública, situados exatamente no contexto da contraditória sociedade globalizada não têm acesso aos cursos de formação continuada presenciais. É neste sentido que, apesar das contradições, a EaD - como meio e não como fim - pode oportunizar o acesso aos conhecimentos como via de formação continuada, pela qual o conteúdo é concebido como condição de mudança da prática efetiva e reflexão sobre realidade atual e, neste sentido, como via de emancipação humana e possível transformação da prática social.

Esta possibilidade encerrada pela EaD pressupõe a concepção de educação como atividade mediadora do seio da prática social, possibilitando, pela via da interlocução expressa na figura dos professores-tutores a mediação no processo de elaboração e apropriação do conhecimento. Neste caso, faz-se necessário, em qualquer programa, pensar quais os

conhecimentos historicamente produzidos serão trabalhados estabelecendo uma relação não tão somente de ensino destes conteúdos, mas de significação humana e social. Assim sendo, se o objetivo é privilegiar a aquisição do saber e de um saber vinculado às realidades sociais “é preciso que os métodos favoreçam a correspondência dos conteúdos e reconheçam neles o auxílio ao esforço de compreensão da realidade” LIBÂNIO (1983). Que neste pressuposto a EaD possa muito mais que veicular conteúdos necessários para a formação da prática profissional consciente e transformadora, mas, sobretudo, da prática social essencialmente reflexiva e emancipadora.

Assim sendo, ao contrário das visões mais idealistas que tomam a tecnologia como fator essencialmente democratizante, torna-se ela o meio para que o fundamento do acesso à democracia se veicule: conhecimento.

O conhecimento nesta perspectiva não é construído individualmente pelo sujeito que aprende, nem tampouco a produção do mesmo se expressa no “aprender a aprender”. A perspectiva construtivista de aquisição do conhecimento é insuficiente quando se pressupõe que o conhecimento não é meio para o desenvolvimento de habilidades mentais/cognitivas. O conteúdo é fim no processo de formação continuada e meio no processo de mudança da prática social e profissional. O conteúdo, portanto, não é construído, é mediado. Essa mediação se expressa na interlocução entre o sujeito que aprende, o sujeito que ensina ou media o saber (neste caso figura representada pelo professor-tutor) e entre o objeto do conhecimento – o conteúdo da formação continuada. Esta concepção de ensino aprendizagem definida por Vygotsky na zona de desenvolvimento proximal se postula essencialmente numa concepção de educação que por pressuposto pretende-se progressista.

Se entendemos que o papel da educação não está para reproduzir esta lógica excludente, meritocrática e seletiva da sociedade atual postulada sobre os ditames da globalização econômica, seu papel está sobretudo em oferecer aos estudantes os instrumentos necessários para mudar sua prática social e possibilitar o acesso à emancipação. Para tanto, a própria formação do docente tem que partir desse pressuposto. Portanto, em ambas as situações na escola e na formação continuada, o conhecimento deve ser mediado partindo da prática social inicial – de uma visão sincrética, ainda não sistematizada da realidade – e através da instrumentalização do saber produzido, voltar à prática social de forma resignificada – organizada e elaborada da realidade – movimento que parte de uma visão sincrética à sintética.

Ao contrário da perspectiva construtivista que conforme DUARTE (2000), se expressa no “aprender a aprender” e, portanto, nos ideários pós-modernos e neoliberais, a aprendizagem não está centrada no indivíduo que constrói seus conhecimentos a partir de suas representações internas e subjetivas, nem tampouco se traduz no efêmero, nos problemas do cotidiano particularizados ou no imediato. A aprendizagem não pode estar despida do conhecimento que se produz na história e se efetiva na totalidade da produção humana a partir de sua realidade concreta e objetiva. Portanto, ao contrário da perspectiva construtivista que de forma mais ou menos direta pode ser ilustrada pela perspectiva do professor reflexivo augurada por Shön,



Perrenoud e Nóvoa - a qual concebe que a formação do professor se expressa na empiria, efetivamente ao exercer a atividade prática - a formação do professor precisa contemplar as diversas áreas do conhecimento humano para que sua cultura seja vasta. "Fornecendo-lhes assim elementos para que possa ensinar os alunos, possibilitando-lhes enxergar a humanidade, seus anseios e necessidades e não somente seus próprios interesses imediatos" ARCE (2000). O conhecimento, segundo a autora, deve inquietar, ser uma vacina contra a apatia e o egoísmo e para tal nada melhor que a leitura e o ensino. Portanto, a formação do professor na modalidade EaD não pode prescindir da figura do mediador deste conhecimento figurada aqui no papel do professor-autor e do professor-tutor, que mediará o conhecimento entre o professor autor - se for o caso - entre o material didático e entre o professor-aluno, aluno-aluno, entendendo que

[...] existe sim um conhecimento objetivo da realidade natural e social, conhecimento este que deve ser transmitido... Acreditamos que é possível conhecer realidade de forma objetiva e abarcar a totalidade. Os parâmetros não são o cotidiano de cada indivíduo, mas a humanidade seu desenvolvimento e seus patrimônios intelectuais e culturais, que devem ser disponibilizados para todos [...] o trabalho educativo passa [...] a possuir um significado muito mais profundo tocando na essência do ser humano, não sendo mero instrumento de adaptação, mas condição imprescindível para mudança. (ARCE in DUARTE, 2000 p. 59)

Uma concepção de EaD, nesta perspectiva, implica em não pressupor que seja possível e adequado ajustar a formação continuada ao mundo contemporâneo, uma vez que tal tese reforçaria a idéia em tomá-la como fim, colocando a primazia do método sobre o conteúdo. Uma vez explicada a realidade em suas contradições não se pode pretender, do ponto de vista das políticas públicas, que seja adequado ajustar o sujeito a esta realidade contraditória e excludente. A EaD nem tampouco tem um fim em si mesma. Ela é um dos meios de oferta da formação continuada, pela qual o conteúdo e o conhecimento devem ser concebidos como vias de emancipação.

Para tanto, o conhecimento que se concebe é construído histórica e dialeticamente pelo conjunto da humanidade, não é efêmero ou relativizado, mas reconstruído a partir das práticas sociais e como imperativo do modo humano de produção social da existência. Isso implica que o conhecimento se dá na e pela práxis. A práxis, segundo FRIGOTTO (2004), expressa a unidade indissolúvel de duas dimensões distintas diversas no processo de conhecimento a teoria e a ação. "A reflexão teórica sobre a realidade não é uma reflexão diletante, mas uma reflexão em função da ação para transformar. Portanto o processo de apropriação do conhecimento deve ser concebido como práxis no campo educacional. FRIGOTTO (2004, p.81). O conhecimento, nesta perspectiva não está para um diferencial competitivo expresso numa nova "Teoria do Capital Humano", conforme analisado por CATANI. Conhecimento não é mercadoria, mas via de emancipação.

Neste contexto o programa de formação continuada na modalidade de EaD implica na articulação necessária e concisa entre conteúdos e métodos que possibilitem não somente a apropriação dos conhecimento necessários para a ação prática, na perspectiva da ação profissional e educativa, mas, sobretudo, humana. Neste sentido a EaD não deve ser entendida



apenas como uma metodologia de ensino ligada aos meios tecnológicos e à situação presencial ou não do docente, mas como parte de um todo pela qual é possível se apropriar dos conteúdos necessários para a formação profissional e humana. Neste interim faz-se necessário que se conceba os conteúdos a serem trabalhados no programa como carro-chefe das proposições mediado através das tecnologias da educação.

Para tanto, é necessário considerar que todo o programa em educação compreende objetivamente a formação de sujeitos situados histórica, econômica, cultural e socialmente, vinculando-se, portanto, às condições concretas para sua viabilização; sujeitos que, uma vez situados em sua concretude, são condicionados por sua realidade ao mesmo tempo em que podem modificá-la. Isto se faz possível uma vez que se relacionam dialeticamente com seu processo de aprendizagem retomando, a partir de elaborações abstratas e concretas, uma nova forma de pensar e fazer a educação.

Referências

ARCE, A. **A Formação de professores sob a ótica construtivista** in DUARTE, N. Sobre o Construtivismo. Campinas: SP, Autores Associados, 2000. (coleção polêmicas do nosso tempo; 77).

BAUMAN, Z. **Globalização: as conseqüências humanas**. RJ: Jorge Zahar Ed. 1999.

CATANI, A.M. **Novas Perspectivas da Educação Superior na América Latina no limiar do século XXI**. Autores Associados, Campinas, São Paulo: 1996.

DUARTE, N. **Vygotsky e o aprender a aprender críticas às aproximações neoliberais da pós moderna da teoria vygotskiana**. Campinas, autores associados, 2000.

_____. Sobre o Construtivismo, Campinas: SP, Autores Associados.

FRIGOTTO, G. **O enfoque da dialética materialista histórica na pesquisa educacional** in: FAZENDA, I. (org). Cortez: SP, 2004.

VYGOTSKY, L. S. **A formação Social da Mente**. Martins Fontes: SP, 1989.

